

Ruy Belo

HOMEM DE  
PALAVRA[S]

ASSÍRIO & ALVIM

## DE COMO UM POETA ACHA NÃO SE HAVER DESENCONTRADO COM A PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO

Explicação preliminar à sua segunda edição

No balanço que, em finais de 1969, publicou sobre livros de poesia que nesse ano apareceram, um crítico literário que aliás muito prezo disse que, com este *Homem de Palavra[s]* eu, como poeta, me havia desencontrado. Ora eu creio que isso não aconteceu, embora só agora o diga. O que aconteceu foi que mais uma vez a crítica — quando a havia, porque agora resta o primeiro de todos, João Gaspar Simões, a lutar ingloriamente contra moinhos de vento, lido talvez às escondidas pelos piedosos leitores da página literária do *Diário de Notícias* das quintas-feiras — se ficou num livro passado de um autor para o voltar contra os seus livros futuros, como se seus não fossem igualmente. Ora pode muito bem acontecer que os meus críticos tenham ficado pela *Boca Bilingue* e parece que nunca mais tenham lido os livros que posteriormente publiquei ou tenham esquecido os dois que publiquei antes desse.

Eu sei que *Homem de Palavra[s]* talvez não atinja a exigência de *Boca Bilingue*, mas mesmo este livro, na realidade, creio que está longe de ser o mais equilibrado dos meus nove, não contando, portanto, com essa plaquette, «Home-nagem talvez talvez Viagem», editada por *Papeles de son armadans*, a conhecida revista dirigida em Palma de Mallorca por Camilo José Cela e essa crítica furibunda à política oficial do tempo, quando o Papa teve a rara coragem de receber os chefes nacio-

nalistas africanos das antigas colónias portuguesas. Este poema permanecerá inédito, porque não tive a valentia de o dar então à estampa com medo não tanto da censura como dos mecanismos da repressão e hoje seria fácil demais dá-lo a conhecer, além de quer uma quer o outro poderem não ter esse tal equilíbrio que sempre exijo dos meus livros. O que procuro evitar a todo o custo é repetir um livro, se possível um simples poema ou processos por mim já levados porventura até à exaustão. Cada livro meu, quer-me a mim parecer, é um livro diferente do anterior. Em *Homem de Palavra[s]*, parece-me ter escrito poemas, introduzido processos, buscado formas que nunca escrevera, introduzira ou buscara até então. A exemplo, «Algumas proposições com crianças» ou «Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração» são poemas que ninguém, segundo julgo, nem eu próprio escrevera antes. Isto para dar apenas um exemplo.

Também eu já tive a minha hora de vão catolicismo, poderia dizer eu, a propósito de *Homem de Palavra[s]*, parafraseando Antero. As epígrafes, pedidas a dois apóstolos, não permitem classificar este livro como cristão. Já para a *Boca Bilingue* eu dispunha de um versículo do livro da Sabedoria que diz: «A sabedoria detesta a boca bilingue». Não o introduzi por eventualmente conferir um sentido unívoco a um segmento de linguagem que eu queria plurivalente e evasivo, configurando o verdadeiro sentido da palavra poética. Se as epígrafes pedidas à Bíblia conferissem o cariz cristão a quem delas se socorre muitos autores teriam de ser considerados cristãos, quando tal ideia nunca lhes teria passado pela cabeça nem pelo coração. Para evitar equívocos, eliminei o verso final de «Corpo de Deus», além de poder afirmar que «O maná do deserto», «Lot fala com o anjo», «Senhor da palavra», «Palavras de Jacob depois do sonho» e evidentemente o soneto «Eu vinha para a vida e dão-me dias» não têm conteúdo cristão. O clima do livro já não

## O PORTUGAL FUTURO

O portugal futuro é um país  
aonde o puro pássaro é possível  
e sobre o leito negro do asfalto da estrada  
as profundas crianças desenharão a giz  
esse peixe da infância que vem na enxurrada  
e me parece que se chama sável  
Mas desenhem elas o que desenharem  
é essa a forma do meu país  
e chamem elas o que lhe chamarem  
portugal será e lá serei feliz  
Poderá ser pequeno como este  
ter a oeste o mar e a espanha a leste  
tudo nele será novo desde os ramos à raiz  
À sombra dos plátanos as crianças dançarão  
e na avenida que houver à beira-mar  
pode o tempo mudar será verão  
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz  
mas isso era o passado e podia ser duro  
edificar sobre ele o portugal futuro